

EDITORA



**UnB**

# **INTERFACES EM PSICANÁLISE**

## **Subjetivações e Cultura**

Daniela Scheinkman  
Márcia Cristina Maesso  
Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato  
Ana Giulia de Araújo Conte  
Aline Vidal Varela  
Muriel Romeiro da Costa e Silva  
Alessandra Carvalho Vieira da Silva  
Jéssica Nayara Cruz Pedrosa  
Igo Gabriel dos Santos Ribeiro  
Fabrício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia



**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira  
**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Ana Flávia Magalhães Pinto  
: Andrey Rosenthal Schlee  
: César Lignelli  
: Fernando César Lima Leite  
: Gabriela Neves Delgado  
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
: Liliane de Almeida Maia  
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
: Roberto Brandão Cavalcanti  
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



**UnB**

# **INTERFACES EM PSICANÁLISE**

## **Subjetivações e Cultura**

Daniela Scheinkman

Márcia Cristina Maesso

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato

Ana Giulia de Araújo Conte

Aline Vidal Varela

Muriel Romeiro da Costa e Silva

Alessandra Carvalho Vieira da Silva

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa

Igo Gabriel dos Santos Ribeiro

Fabício Gonçalves Ferreira

(organizadores)



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

**Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais**

**Coordenação geral** : Thiago Affonso Silva de Almeida  
**Consultor de produção editorial** : Percio Savio Romualdo Da Silva  
**Coordenação de revisão** : Denise Pimenta de Oliveira  
**Coordenação de design** : Cláudia Barbosa Dias  
**Revisão** : Lara Andressa da Silva Carvalho  
**Diagramação** : Lislayne de Oliveira Gonçalves

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília  
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF  
CEP: 70910-900  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

---

I61 Interfaces em psicanálise [recurso eletrônico] :  
subjetivações e cultura / (organizadores)  
Daniela Scheinkman ... [et al.]. – Brasília :  
Editora Universidade de Brasília, 2024.  
218 p. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

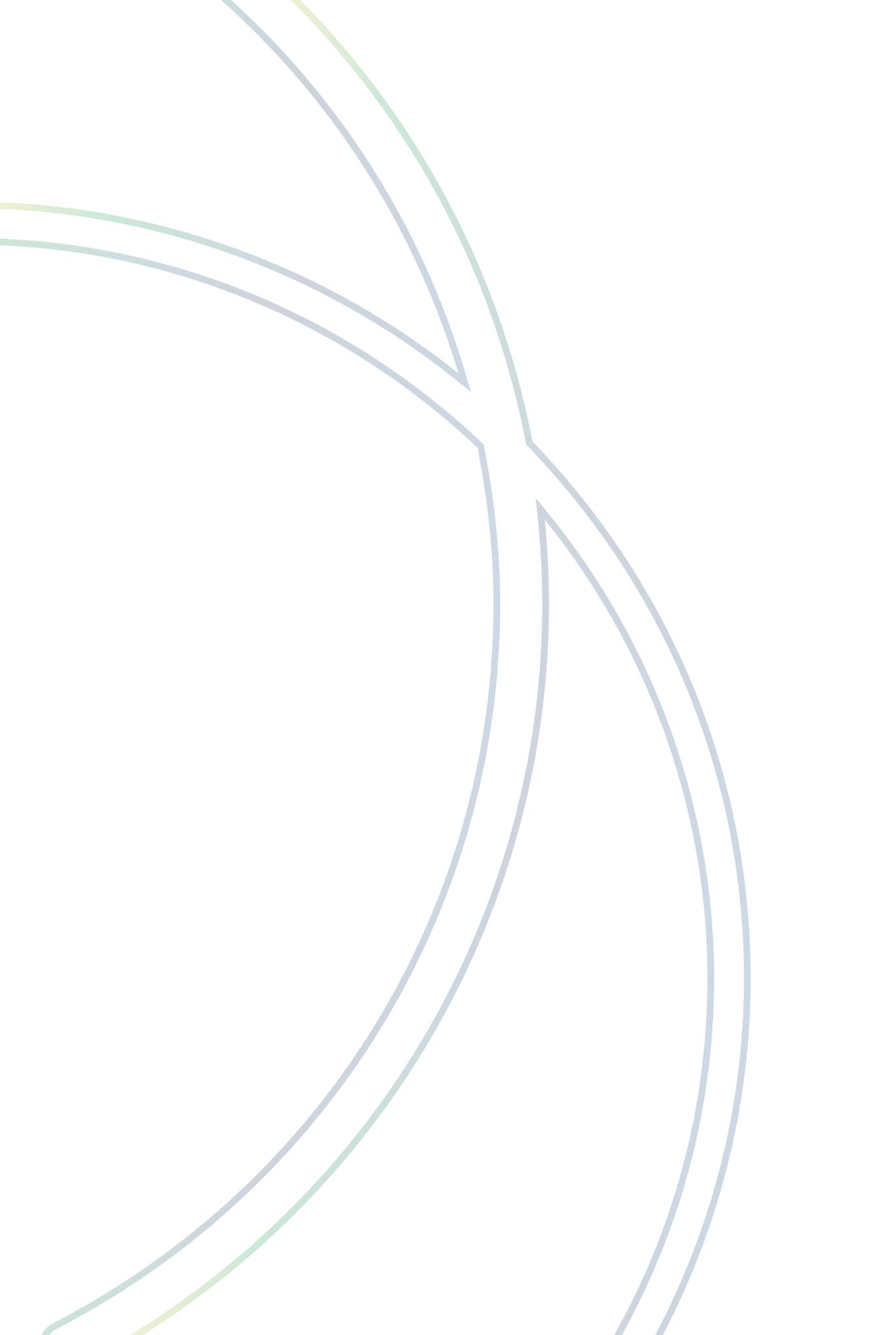
Formato PDF.  
ISBN 978-65-5846-067-1.

1. Psicanálise. 2. Cultura. I. Scheinkman,  
Daniela (org.). II. Série.

CDU 159.964.2

---

Agradecemos à FAP-DF e ao CNPq pela parceria e incentivo à cultura e aos projetos acadêmicos.



# Sumário

## **Apresentação 11**

## **Prefácio 13**

Miriam Debieux Rosa

### Parte I

## **Psicanálise e parentalidade**

### **Psicanálise e maternidade 21**

Aline Vidal Varela, Ana Isabel Pereira, Cintia da Silva Lobato Borges, Daniela Scheinkman e Ingrid Mello Pereira Soti

### **Parentalidade contemporânea 33**

Vanessa Correa Bacelo Scheunemann

### Parte II

## **Psicanálise e relações raciais**

### **Cabelo crespo e pele escura 47**

Melissa Souza Silva, Lara Gabriella Alves dos Santos, Vítor Luiz Neto, Elzilaine Domingues Mendes e Márcia Cristina Maesso

### **Violência, trauma e memória 57**

Joyce Avelar, Igo Gabriel dos Santos Ribeiro e Fabrício Gonçalves Ferreira

### **O racismo estrutural na transmissão psíquica 69**

Alessandra Carvalho Vieira da Silva e Eduardo Portela

### Parte III

## Psicanálise, arte, literatura e cultura

### Maternidade: única saída para a feminilidade? 83

Jéssica Nayara Cruz Pedrosa e Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa

### Considerações sobre a criação 93

Antonio Trevisan, Ana Giulia de Araújo Conte, Roberto Medina, Márcia Cristina Maesso e Valéria Brisolara

### A escrita de si freudiana 101

Valéria Machado Rilho, Laene Pedro Gama e Daniela Scheinkman

### Um outro com quem contar 111

Guilherme Henderson

### Parte IV

## Psicanálise e trabalho feminino

### Trabalho doméstico 123

Alexandre Rezende, Carla Antloga, Fabrício Gonçalves Ferreira e Hugo Martins

### Parte V

## Psicanálise extramuros/ políticas públicas

### Cuidapsi e o tratamento das narrativas pandêmicas 137

Alvinan Magno Catão, Eliana Rigotto Lazzarini, Muriel Romeiro da Costa e Silva e Nelson de Abreu Jr (*in memoriam*)

### O psicanalista nos contextos públicos 149

Samuel Ted Almeida de Pereira, Amanda Soares Dias e Márcia Cristina Maesso

## **Até o osso 159**

Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral e Juliano Moreira Lagoas

## **Parentalidade e saúde pública 173**

Ingrid Fernandes dos Santos e Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil

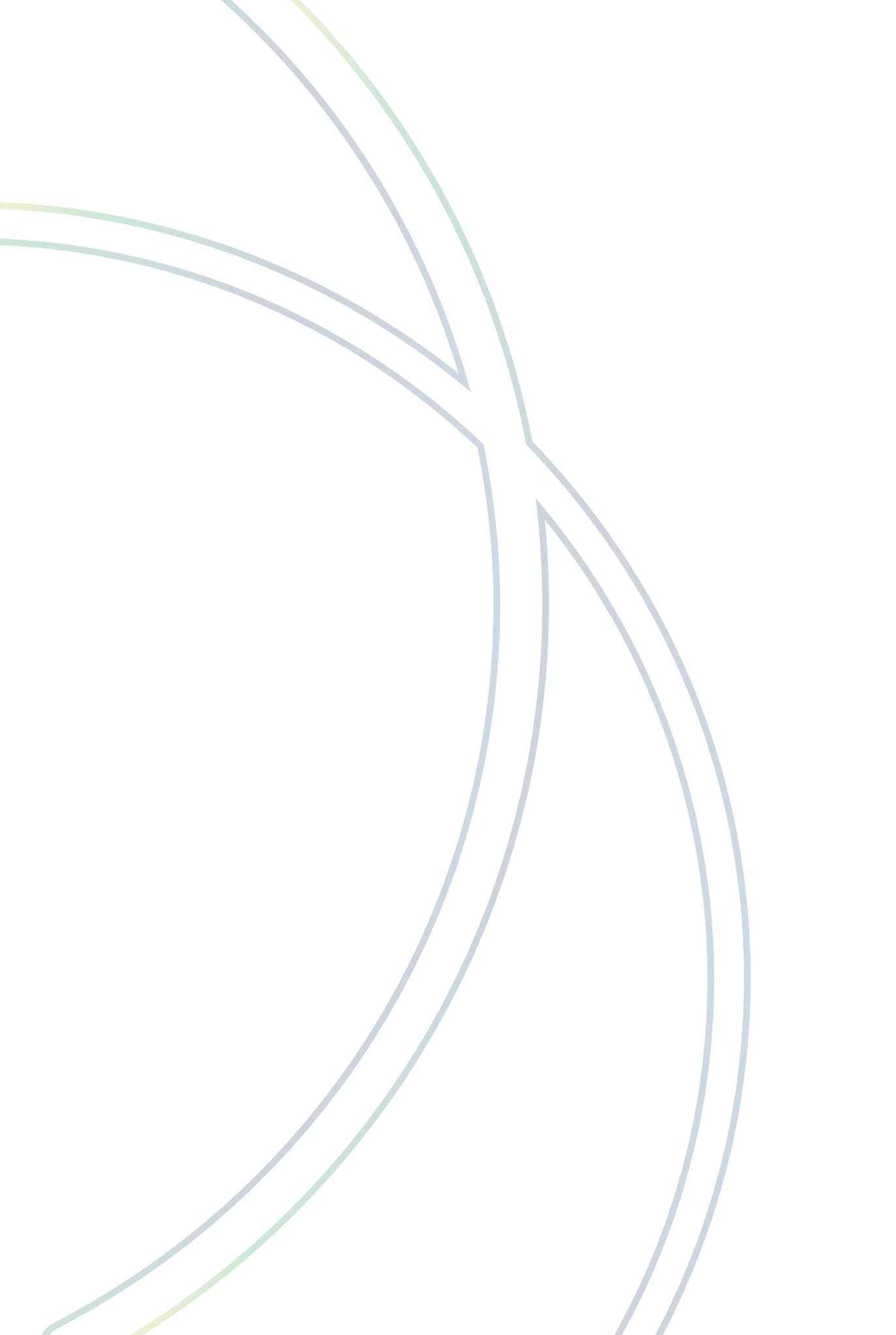
## **A clínica psicanalítica com o sujeito em condição de rua durante a pandemia 187**

Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato, Daniela Scheinkman, Eduardo Portela, Eduardo Ribeiro Vasconcelos e Patrícia da Cunha Pacheco

## **Freud e os primeiros trabalhos para uma nova psicopatologia 199**

Renato Palma, Marco Antonio Coutinho Jorge e Jean-Michel Vivès

## **Sobre os autores e organizadores 211**



# Apresentação



A Psicanálise, criada por Sigmund Freud, surge como uma nova modalidade de discurso que Jacques Lacan vai conceber, em sua retomada freudiana, como laço social, que corresponde, então, a uma práxis original, na medida em que inaugura uma subversão no modo de saber, no modo de intervir na clínica e nas relações estabelecidas tradicionalmente no discurso da ciência e no campo social. Assim, o propósito deste livro é investigar as demandas contemporâneas que exigem da psicologia e da Psicanálise novos dispositivos metodológicos que não aqueles da clínica tradicional, de modo a avançar nas pesquisas e construir algumas possibilidades de interlocução pautadas na interdisciplinaridade de saberes acompanhando as mudanças sócio-histórico-culturais.

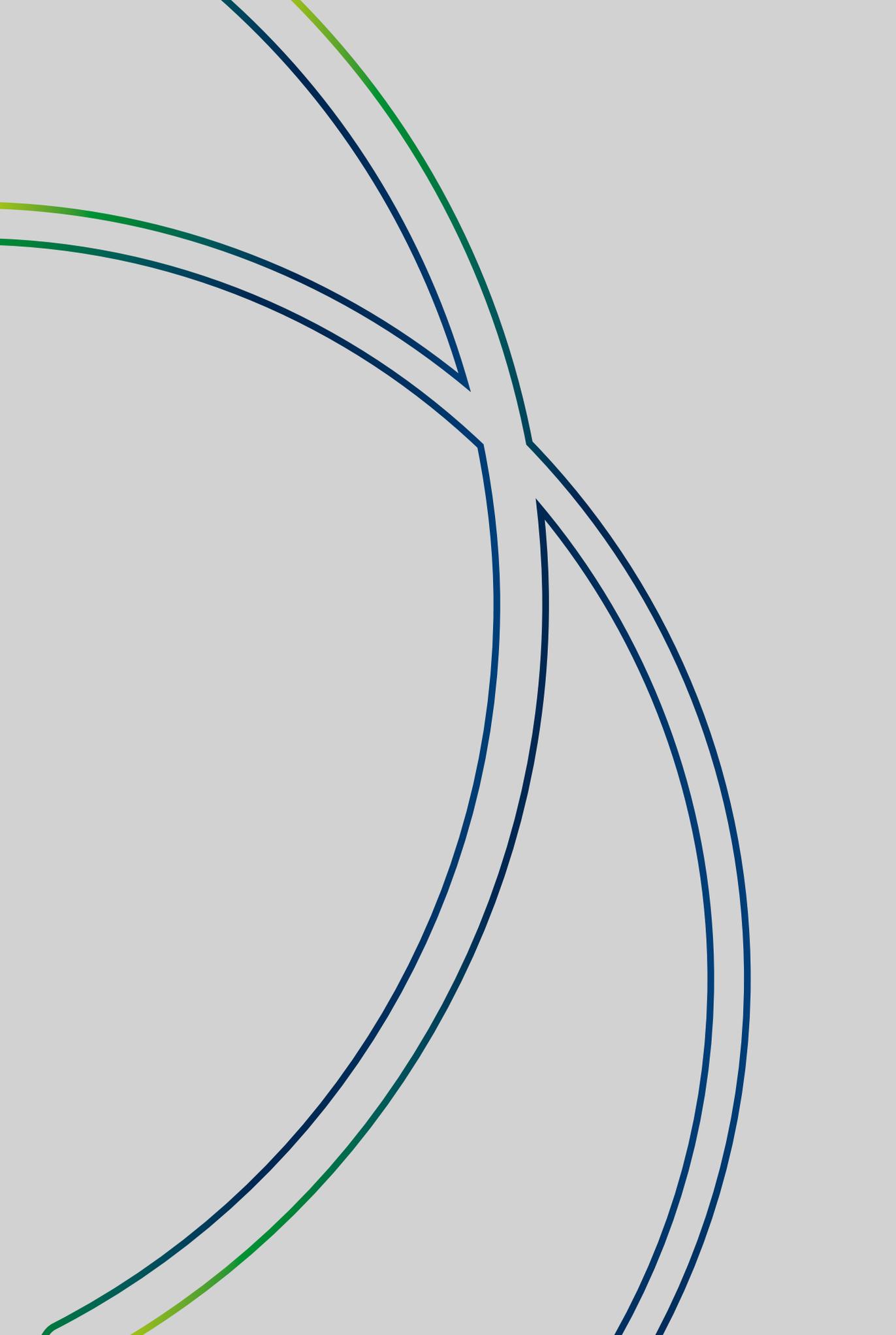
O livro origina-se do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação (Lapsus), inserido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Diante das inquietações teórico-clínicas, surge nosso desejo de aprofundar, numa dimensão sociopolítica, na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade.

A escolha do tema é a busca pela inovação e pela interface da Psicanálise com outros campos de saber para construir uma abordagem conjunta de intervenção sobre o sofrimento psíquico na contemporaneidade. Pretendemos contribuir, assim, para a atualização, a disseminação e a divulgação de pesquisas da Psicanálise no campo científico, consolidando a formação de parcerias internas e externas à Universidade de Brasília. Para isso, trabalharemos com alguns subtemas divididos nos seguintes eixos:

1. no eixo “Psicanálise e parentalidade”, abordamos a elaboração psíquica da assunção à função parental, bordejando estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica psicanalítica;
2. no eixo “Psicanálise e relações raciais”, propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros;
3. no eixo temático “Psicanálise, arte, literatura e cultura”, trabalhamos a interface entre Psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem;
4. no eixo “Psicanálise e trabalho feminino”, buscamos promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade;

5. por fim, no eixo “Psicanálise extramuros/políticas públicas”, destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de novos dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

Entendemos que este projeto se faz relevante por reunir saberes diversos no contexto acadêmico e pela sua difusão do conhecimento científico para a sociedade e para o avanço teórico e clínico da Psicanálise.



# Psicanálise e relações raciais

Parte II

# Violência, trauma e memória

*Modos de subjetivação do sujeito negro*

Joyce Avelar  
Igo Gabriel dos Santos Ribeiro  
Fabrício Gonçalves Ferreira

A violência colonial foi um dos principais dispositivos utilizados pela branquitude para aniquilação física e psíquica do sujeito negro. Com a sua cultura, seus afetos e sua subjetividade marcados pela violência, pessoas negras são obrigadas a testemunhar e experienciar as faces traumáticas de sua inscrição no tecido social. A presença do corpo negro na sociedade brasileira expõe as contradições das relações raciais dissimétricas e escancara o mito da democracia racial, enquanto o racismo, pavimento da violência colonial, estrutura a sociedade, as relações econômicas, políticas e culturais, e outorga ao sujeito negro o não lugar, acompanhado do mal-estar subjetivo e da condição dúbia de sua racialidade desumana. Não obstante, os campos do saber, como a Psicanálise e Psicologia, carecem de investigações que subvertam a lógica de que os efeitos psicossociais do racismo então sob uma ótica individual, uma vez que são múltiplos e afetam as dimensões constitutivas do vir a ser-sujeito-negro no Brasil. Para abrir espaço às possibilidades de reparação e elaboração, é preciso resgatar e reconstruir memórias negras de modo a interromper as repetições e permanência no não lugar produzido pela violência cíclica processada nas dimensões física, social e simbólica. Feito isso, há abertura de espaço para a construção de narrativas que ultrapasse a condição de um corpo-objeto para a escuta e elaboração de um corpo-sujeito.

## Introdução

O sujeito negro no Brasil é marcado por um sequestro em massa decorrente do período escravocrata. Tal ação inaugura um processo de expropriação material, cultural, identitária e subjetiva. Para Freud (2010 [1914-1916]), a perda de uma pessoa amada, ou mesmo uma abstração que ocupe tal lugar, seja a pátria ou a liberdade, ressoa como um luto e, quando

este não é passível de ser elaborado, pode culminar em afecções patológicas. É o caso da doença de banzo que acometeu pessoas escravizadas traficadas para o Brasil. O conceito aponta para uma condição relacionada ao desgosto causado pelo afastamento violento do território Africano, da cultura, da memória e do laço social. Além do mais, o banzo pode ser compreendido como uma patologia ligada à resistência decorrente da perda da liberdade, de familiares e reações aos pesados e injustos castigos (Oda, 2008).

Vale ressaltar que a ideia de raça se relaciona ao conflito e poder. Portanto, pensar em história da raça ou das raças é essencial para analisar a constituição política e econômica das sociedades contemporâneas. O contexto da expansão comercial burguesa e da cultura renascentista introduziu o ideário filosófico que, posteriormente, transformou o europeu em homem universal, assim, todos os povos e culturas não condizentes tornam-se variações menos evoluídas (Almeida, 2019). Assim, o projeto de universalização colonialista introduz os aspectos centrais deste escrito: violência, trauma e memória na subjetivação do sujeito negro.

Para Almeida (2019), a prática do racismo consiste em uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, ocorrendo a partir de manifestações conscientes ou inconscientes e resultando em desvantagens e privilégios para determinados indivíduos, a depender do grupo racial pertencente. Ainda, o intelectual aponta que não se trata unicamente de um conjunto de atos discriminatórios, mas de um processo em que condições de subalternidade atravessam grupos raciais e são reproduzidas na sociedade. Em complemento, Abdias (2016 [1978]) adverte que o racismo se constitui enquanto prática institucionalizada que sutura o tecido social, psicológico, econômico, político e cultural no Brasil.

Segundo Bastos (2006), o sofrimento advindo da violência de exclusão tem dimensões mais profundas do que aquele provocado pela renúncia pulsional, que garante a inclusão social, inscrito por Freud (2010 [1930-1936]) como o mal-estar ocasionado pela cultura. Esse sofrimento pode ser minimizado quando há inclusão no pacto social e quando há reconhecimento no Outro. No caso do sujeito negro excluído do pacto social, o sofrimento é a dor de não existência, refletindo o cerceamento narcísico que ameaça a perda de amor e a viabilidade do laço social. Assim, “o racismo tende a banir da vida psíquica do negro todo prazer de pensar e todo pensamento de prazer” (Souza, 1983, p. 10).

Desse modo, o presente texto pretende refletir, à luz da Psicanálise, a maneira como as violências raciais e o trauma colonial produzem modos de subjetivação da população negra, ou seja, modos de ser e de viver para além do mal-estar subjetivo provocado pelo estado de violência a que está submetida, considerando a memória como pedra fundamental para a reparação simbólica.

### Violências raciais

A violência colonial (Fanon, 1979 [1961]) alcançou corpos, subjetividades e pensamento, produzindo efeitos incalculáveis, mas que são possíveis de serem percebidos e sentidos na atualidade. O racismo, compreendido a partir da tríade ideologia-sistema-estrutura,

tem se atualizado no tempo e no espaço (Munanga, 2010). Tendo sido o pavimento do projeto de expansão marítima e colonização das terras ameríndias, o racismo ainda violenta, penetra e participa da cultura, da política, da economia, da ética, enfim da vida subjetiva, vincular, social e institucional das pessoas. Trata-se de uma ideologia que se ancora na presunção de superioridade de uma raça sobre outra, que estrutura o Estado, as instituições, as relações sociais e as subjetividades (Silva *et al.*, 2018).

As violências raciais ocorrem em alta densidade e em taxas desiguais para negros e brancos,<sup>1</sup> provocando traumas no corpo e no psiquismo do sujeito negro que tem sua emocionalidade atravessada pela imposição dos ideais de brancura desde as identificações primárias que conformam o processamento do ideal de Eu e do Eu ideal (Souza, 2021).

Apesar das reflexões inauguradas por Neuza Santos sobre o *Tornar-se negro* no ano de 1983, e de outros trabalhos desenvolvidos na psicologia e na Psicanálise sobre o impacto do racismo nas relações sociais e subjetivas, como de Isildinha Baptista Nogueira (1998), Iray Carone e Maria Aparecida Bento (2016) e Maria Lucia da Silva *et al.* (2017), as práticas de psicólogas e psicólogos se mantêm alheias à compreensão crítica do sofrimento psicossocial de homens e mulheres negras.

Estudos recentes confirmaram a hipótese de que o racismo não é tema recorrente de estudos e pesquisas em psicologia e no campo da saúde mental, embora esteja presente pela omissão e negligência nas práticas clínicas de psicoterapeutas (Damasceno, 2018). Na mesma esteira, há estudos que sinalizam o quanto os casos de sofrimento psicossocial em crianças e jovens negras “expressam e denunciam a existência do racismo e seu poder de humilhação social, exigindo dos profissionais um cuidado em saúde antirracista” (David, 2018, p. 145) ou, como afirmou Santos (2022) em tese sobre “a escuta das diásporas pulsionais”, é preciso forjar uma escuta com o olhar atento aos efeitos da colonialidade na clínica, especialmente na clínica pública (Santos, 2022).

Poucos estudos em Psicanálise e Psicologia sobre relações raciais e a conformação do psiquismo da população negra indicam a necessidade de avançar e subverter a compreensão do sofrimento situado como um fenômeno individual, portanto, ontogênico, dissociado dos efeitos da violência colonial. Na contramão, é preciso aprofundar a compreensão do sofrimento a partir da sociogenia, pois conforme expõe Fanon (2020), o racismo é “um complexo sóciohistórico que está na base da formação da subjetividade, no núcleo da cisão colonial que determina quem está fora e quem está dentro” (Fanon, 2020, p. 17).

Renato Nogueira (2020) argumenta que “as diferenças culturais não podem ser desprezadas, a existência do mundo branco antinegro impõe distúrbios à população negra em estado de colonização” (Fanon, 2020, p. 16). Situado num ambiente social onde o racismo é determinante, “o auto-ódio passa a ser a única oportunidade de se tornar um humano.

---

<sup>1</sup> Segundo os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022), “negros permanecem como as principais vítimas das MVI (77,6% das vítimas de homicídio doloso, por exemplo, mas chegam a 84,1% das vítimas de mortes decorrentes de intervenções policiais)”. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>. Acesso em: 6 set.

Pensando em termos de psicopatologia, a colonização, mais que um envenenamento político, é, sobretudo, uma intoxicação psíquica” (Fanon, 2020, p. 16). Nessa linha, os processos de subjetivação e, em especial, de adoecimento psíquico, tomam contornos determinados pela estrutura das relações que o sujeito negro está inserido. Sendo capaz ou incapaz de participar, portanto é determinado por fatores externos, institucionais e sociais (Fanon, 2020).

### Trauma colonial: feridas nas memórias negras

O caráter narcísico do colonialismo força o colonizado a ser seu semelhante, ao mesmo tempo que o impede de ser. Nesse sentido, o projeto colonial é “alterocida”, pois percebe o Outro como ameaçador, algo que precisa ser exterminado e destruído. É, também “anticomunidade”, pois a relação e a comunicação estabelecida com esse Outro, se dará pela violência, desigualdade e subjugação (Mbembe, 2017).

De acordo com Kilomba (2020), sendo uma fantasia da branquitude, a negritude vai se tornando “Outridade” por meio de um processo de negação. Dito de outra forma, o Eu branco se constrói projetando no negro tudo aquilo que é negado e reprimido em si mesmo. Para a autora, o trauma psíquico do negro é ser forçado a ocupar o lugar de Outridade do branco, não o lugar de sujeito, criando assim uma relação alienante com a própria imagem. Nesse sentido, a dimensão traumática da colonização para o negro, será a de ser constantemente impelido a ocupar essa posição de Outridade.

O silêncio é uma constante nos sujeitos que se confrontam com a face obscena do Outro, produto de uma perda do laço identificatório com o semelhante. A violência do Outro/semelhante promove um abalo narcísico que lança o sujeito à angústia e ao desamparo, desarticulando seu lugar na história, sua ficção de si mesmo e promove um sem-lugar no discurso (Rosa, 2015, p. 100).

A vivência desse não lugar pode constituir aspecto central na condição traumática do psiquismo, visto que pode ocasionar emoções variadas como o medo, a raiva, a vergonha ou a angústia. Tais emoções, que não puderam ser expressas no circuito social, ocasionam a dissociação do sujeito e seus afetos, com isso, o sujeito negro passa a ter um “afeto estrangulado”, este que passa a atuar no psiquismo provocando emoções anômalas (Rudge, 2009). Assim, a violência simbólica tem como uma de suas principais consequências o adoecimento e esvaziamento do Eu (Freud, 2010 [1914-1916]).

De acordo com Freud (2010 [1920]), o trauma ocorre quando um evento externo é gerador de um grande fluxo pulsional que escapa dos processos de defesa psíquica e de simbolização. Desse excesso pulsional sobra um resto irrepresentável que demanda um constante trabalho de ligação psíquica. Para Freud, o trauma acontece diante do terror, ou seja, diante de um perigo no qual não estamos preparados e somos pegos de surpresa.

O trauma deixa marcas na memória que fixam o sujeito ao traumático, levando a um estado de “compulsão à repetição” (Freud, 2010 [1920]). Na perspectiva de Seligmann-Silva (2000), o trauma é uma “ferida na memória”, em que, a experiência traumática não consegue

ser vivenciada, pois é transbordante e excede os limites do nosso aparelho psíquico. Dessa forma, o traumático não seria aquilo que foi vivenciado, mas a experiência “invivível”.

Como o sujeito não pode vivenciar, ele repete. A compulsão à repetição derivada da fixação psíquica no traumático surge como uma tentativa de experienciar o passado não-vivido e inscrevê-lo psiquicamente (Freud, 2010 [1920]). A repetição do traumático se dá como “literalidade da recordação”, ou seja, repete-se o mesmo (de formas diferentes), não há elaboração, inscrição simbólica e ligação psíquica (Seligmann-Silva, 2000). No lugar de uma memória capaz de estabelecer conexões, temos no traumático uma “memória imemorable”. Assim, o passado invisível se presentifica constantemente por meio de repetições no presente (Maldonado; Cardoso, 2009).

Segundo Kilomba (2020), a ruptura violenta com os elos comunitários dos povos africanos durante o tráfico negreiro, representa a definição clássica do trauma, um trauma colonial. Essa ruptura afeta tragicamente toda a história do continente africano, seus povos e a população negra em diáspora, pois causa uma ferida nas noções de pertencimento social e posicionam o negro na desumanidade.

No entanto, as narrativas dominantes nos discursos da branquitude brasileira irão encobrir essa violência colonial. Por sua vez, vão se construindo memórias que visam mascarar a história e produzir esquecimentos. Dito de outra forma, o grupo dominante idealiza o passado brasileiro como glorioso e produz esquecimentos/apagamentos da violência, opressões e traumas que desmistificam as idealizações desse passado (Bulhões, 2020).

De acordo com Veríssimo (2021), o reconhecimento do racismo histórico e cotidiano, assim como da violência do passado colonial, ameaçam o narcisismo brasileiro, uma vez que entram em contradição com a crença de que somos amistosos, democráticos, cordiais, benevolentes e que vivemos uma harmonia racial. Para a autora, a recusa de reconhecimento e a negação do racismo é uma forma de tentar encobrir o traumático, mas isso inviabiliza a inscrição simbólica do passado.

O trauma indizível, invisível e inassimilável da população brasileira é constantemente negado ou reprimido. Para Freud (2020 [1914]), o passado reprimido e esquecido será repetido no presente, mas não como lembrança, ao invés disso, é repetido como ato. Isso se dá de maneira inconsciente, pois a lembrança impelida ao esquecimento continuará a fazer parte dos processos inconscientes individuais e coletivos, insistindo em manifestar-se na nossa vida cotidiana.

Pode-se dizer, também, que tal repetição decorre do processo de transmissão psíquica. Esse conceito traz a ideia de que “somos sujeitos antecidos por outras gerações” (Farias, 2018, p. 108), assim, coloca em relevo a condição apresentada por Freud (2010 [1914-1916]) de que a constituição narcísica se apoia no narcisismo da geração anterior. Nesse sentido, há uma transmissão de significantes identificatórios marcados pelos desejos e fantasias inconscientes dos cuidadores no seio familiar. Desse modo, quando se trata de histórias marcadas por elementos traumáticos, como os engendrados pelo racismo, esses elementos também são transmitidos à criança e/ou sucessores. Logo, aniquilando a

memória, aniquila-se os recursos e possibilidades de elaboração, o que leva a um processo cíclico de recordação e repetição (Farias, 2018).

Por isso, é importante lembrar que o trauma advindo do racismo atinge a pessoa negra não somente em sua história individual, mas também na história coletiva, no passado em comum. Esse passado, constantemente submetido à repressão e ao apagamento, se repete e se manifesta no racismo cotidiano (Kilomba, 2020).

Todo racismo cotidiano reatualiza a história e coloca os sujeitos novamente na cena colonial. Assim, o trauma se revela como um entrelaçamento do passado e do presente, no qual o presente remonta o passado e vice-versa. Além disso, o racismo cotidiano torna a pessoa negra uma “colônia metafórica” a ser invadida e subordinada pelo/ao branco, pois “enquanto o sujeito branco reencena o passado, o presente é proibido para o negro” (Kilomba, 2020, p. 225).

Este racismo cotidiano é chamado por Gonçalves Filho (2017) como “golpe”, pois é capaz de emudecer o sujeito, atingir o pensamento, a percepção, o corpo e a memória. Para o autor, este golpe é prolongado, pois apesar do sujeito o vivenciar no agora, ele começa antes, com os seus ancestrais, e se estende no depois, para os seus descendentes. Para o sujeito negro, a possibilidade do golpe do racismo está sempre à espreita e isto o coloca em um constante estado de angústia.

Nesse sentido, Kilomba (2020) nos lembra que o trauma colonial não foi esquecido, mas memorizado. Na realidade, nos encontramos em um estado em que não lembramos, mas não esquecemos. Freud (2020 [1914]) elucida que por detrás do esquecimento e das lembranças encobridoras, há um “sempre soube” que o sujeito não quer saber, mas em contrapartida, para o psicanalista, ao invés de repetirmos inconscientemente o reprimido no presente, devemos torná-lo lembrança, ou seja, “recordá-lo como parte do passado” (Freud, 2010 [1920], p. 131).

É importante salientar que, muitas vezes, a pessoa negra não só é impelida a esquecer o passado, mas busca o esquecimento como uma estratégia defensiva para não lidar com a dor do passado colonial (Gonçalves Filho, 2017). Para Kilomba (2020), a memória dolorosa deve ser recuperada e recontada de uma outra forma. Nessa mesma direção, pode-se dizer que “ter memória é historicizar” (Maldonado; Cardoso, 2009, p. 53), por isso é importante que o sujeito fale sobre a vivência traumática e a enderece a uma escuta, como uma busca pela representação, pela inscrição psíquica, uma vez que, no processo de historicização, o ato dá lugar à palavra (Barbosa, 2008).

Há, no traumático, não somente um elemento que desintegra o sujeito, mas também uma força política, uma possibilidade criativa e uma insubmissão. A busca de inscrição do trauma é uma tentativa de contar uma nova história e de (re)construir memórias. O sujeito negro poderá dar contorno à disrupção do traumático pela busca de um nome-próprio, pelo processo de tornar-se sujeito inserido na história, um sujeito de memória.

No universo de possibilidades de (re)construção das memórias, a população negra-africana poderá recriar-se pela via da escrita, da música, da dança, do esporte, da fala, da leitura, da

estética, da religião, da gíngua, da roda, do canto, do ritmo, do rito, da mandinga, do encontro, do desencontro, do descontínuo, do inexplicável, do esgotamento, do inesgotável.

## (Re)construindo memórias negras

Na construção da identidade brasileira, alguns elementos da cultura negra – por exemplo, o samba, a capoeira e o carnaval – vão sendo narrativamente e paulatinamente incorporados nos discursos oficiais. Por meio de disputas e interesses políticos, a incorporação desses elementos somados ao processo de miscigenação muitas vezes visam endossar o mito da democracia racial e de um passado único em que a escravização era harmoniosa e benevolente (Albuquerque; Filho, 2006). É evidente que tais discursos deixam de fora a criminalização da cultura negra por parte do Estado brasileiro, bem como o processo de luta e resistência implicados no reconhecimento nacional dessa cultura.

Por essa razão, a memória deve ser situada no campo da disputa política. De acordo com Fanon (1968), é o colono que faz a história nacional, colocando-se em uma posição de absoluta superioridade. Nessa história, não se inscreve a violência colonial e tampouco o anticolonialismo, assim, caberá ao colonizado romper com as narrativas coloniais e criar uma história de descolonização.

É pela via da construção coletiva que o colonizado irá se inserir como sujeito ativo na dimensão da história. Para tanto, não basta apenas lutar pela liberdade, mas reencontrar a própria humanidade e buscar o encontro com a humanidade do outro (Fanon, 2008). Esse processo de descolonização implica na morte simbólica de um tipo de sub-humanidade negra – aprisionada pelo olhar inferiorizante do branco –, para a gestação de uma nova humanidade não colonizada. É a partir dessa humanidade desaprisionada que o sujeito se afirma, desafiando-se de uma história colonial para encontrar novas narrativas sobre si mesmo (Fanon, 2008).

A população negra é impelida a falar de si pela língua do colonizador. Romper com as discursividades brancas em busca de uma discursividade própria é uma maneira de exercer autonomia. A voz própria exigirá do negro a experiências de lidar com suas feridas na memória por meio do seu resgate histórico que é singular e coletivo (Souza, 1983).

Se o trauma colonial representa uma ferida na memória negra, então, será pelo retorno dessas memórias que o sujeito poderá (re)construir uma discursividade própria. O indizível do trauma impõe ao sujeito a busca pela elaboração psíquica, pela representação simbólica. Essa busca poderá culminar em uma potencialidade criativa, em novas formas de se posicionar subjetivamente. Seligmann-Silva (2000) acredita que o indizível do trauma convoca o sujeito a contar sua história, seu sofrimento e endereçá-los a uma comunidade que escuta, fazendo vinculação com o outro e consigo mesmo.

Não se trata de recuperar uma memória estática de um passado negro, mas tornar essa busca em um processo de enraizamento, de inserção na história coletiva e individual. Isto se dará no encontro com o outro. Na escuta de outras narrativas negras, o sujeito

descobre a dimensão coletiva e política do seu próprio sofrimento. É nesse processo de busca de uma memória negro-africana que o sujeito encontrará aquilo que resiste, reexiste e deixa marcas na história.

É importante frisar que o colono sempre temeu o acesso do negro a uma referência positiva do passado africano, não atoa, foram inúmeras as estratégias de dominação que visavam uma desidentificação étnica. Além disso, no pós-abolição também buscou-se apagar a história colonial de subjugação e violência aos escravizados. A exemplo disso, temos o apagamento dos documentos históricos relacionados a escravidão (Nascimento, 2009) e a Lei Abolicionista<sup>2</sup> que se institui visando a conciliação e o “esquecimento dos conflitos passados, sobretudo não-revanchismo” (Azevedo, 1987, p. 214).

Ainda que se tenha apagado os documentos históricos e esperado da população negra o esquecimento do passado colonial, esse passado não inscrito na memória se repete em sua dimensão traumática, mas também criativa. É pela via do corpo, da música, da arte, da dança, das histórias de rodas, da capoeira, do candomblé, dentre outras formas, que se dará o contar da história negra e a produção de memórias não-hegemônicas.

A concepção de corpo-documento da Beatriz Nascimento nos ajuda a entender a dimensão do corpo para além de seus fenótipos, mas o corpo atravessado de significados, vínculos, histórias, um corpo-memória, “corpo-documento” que registra em si fragmentos de dores e alegrias do passado negro. Este corpo, expansível em significação, se conecta e se enlaça as partes da África, da diáspora negro-africana e com o próprio mundo (Raaijmakers, 2006).

Esse corpo território, corpo-documento, corpo-memória que Beatriz Nascimento nos implica a pensar, traz em si a existência negra como força de vinculação, algo que se recria a partir de uma expansividade de sentidos e significados. Podemos dizer que este corpo-documento é anticolonial, pois não encolhe a existência do corpo negro a significações fixas e rígidas, pelo contrário. É um corpo liberdade que se dilata a partir do encontro com o outro e com a multiplicidade de territórios africanos.

Nesse sentido, Nascimento (2009) enfatiza a centralidade da vida coletiva e a busca pela liberdade, igualdade e justiça. Logo, a história se (re)constrói pelos vínculos, pela transmissão de saber, pelo resgate das memórias históricas e pela transformação social. Segundo o autor:

estudar e lembrar os efeitos dos antepassados deve constituir um acontecimento inspirador que estimule a ação transformadora do presente. Rumo ao futuro, isto é, o oposto da contemplação saudosista, autoglorificadora do pretérito, ou da motivação de cenas de autoflagelação. Resgatar nossa memória significa resgatar a nós mesmos do esquecimento, do nada e da negação, e reafirmar nossa presença ativa na história pan-africana e na realidade universal dos seres humanos (Nascimento, 2009, p. 218).

---

<sup>2</sup> O período pós-abolição não consistiu em reparação e igualdade de condições e de direitos para a população escravizada. De acordo com Azevedo (1987), a abolição surge como formalização e institucionalização de uma situação já existente: a liberdade negra. Liberdade conquistada por meio de atos de resistência e rebeldia da população negra, apoio popular, apoio dos abolicionistas e enfrentamentos políticos diversos. Segundo a autora, o medo dos negros e da ruptura institucional completa fez com que se instituisse a Lei da Abolição.

Na mesma direção, o conceito de Ubuntu enquanto uma ética e uma ontologia proposto por Ramose (2010) e Noguera (2012), nos ajuda a pensar que é pela via da vinculação com seus elos comunitários que o sujeito irá resgatar a sua humanidade africana.<sup>3</sup> Ademais, essa vinculação ultrapassa as noções de humanidade e de temporalidades brancas e europeias. Pois, na ética Ubuntu, a comunidade se estende ao passado ancestral, ao presente dos vivos e ao futuro dos não-nascidos, ou seja, o presente é dinâmico e não somente o “aqui e agora”.

Segundo Ribeiro (1996), o tempo na perspectiva negro-africana é circular e dinâmico, mas é principalmente orientado para o passado. A partir de Mbiti, a autora apresenta as dimensões de tempo Sasa e Zamani. A dimensão Sasa, considerada um micro-tempo, refere-se ao presente, ao tempo da consciência existencial do sujeito. No Sasa, integra-se presente, passado e futuro. Sasa é mergulhado no Zamani, um macro-tempo, o tempo do mito, que move a história para trás, preservando-a. Para a autora, a ênfase no passado não significa seu retorno cíclico, não se trata de uma repetição daquilo que os ancestrais fizeram. Assim, o sujeito interage de maneira dinâmica e desenvolve-se não somente olhando para trás, mas criando sua própria história no presente a partir do mergulho no Zamani. Além disso, há um senso de responsabilidade coletiva em que o sujeito se projeta para o futuro pensando no seu legado para seus descendentes e para sua comunidade.<sup>4</sup>

A partir disso, podemos pensar que o resgate das narrativas negras e de suas memórias é a possibilidade de (re)encontro com esse corpo-documento, não mais com o corpo-objeto do colono. Dessa forma, a construção e expansividade de sentidos ao corpo é uma oposição ao funcionamento do traumático, ao mesmo tempo que pode ser possibilitado por meio deste. Se no traumático o passado emerge como repetição, na (re)construção de memórias negras, o passado será lugar de referências para o presente. Não se trata, então, de uma repetição que age como fantasma na vida do negro e que coloca em curso a cena colonial, mas é uma relação dinâmica com o passado, uma relação de memória e não de trauma.

---

<sup>3</sup> De acordo com Noguera (2012, p. 2), nos idiomas bantu “[...] ‘ubu’ indica tudo que está ao nosso redor, tudo que temos em comum. ‘Ntu’ significa a parte essencial de tudo que existe, tudo que está sendo e se transformando”.

<sup>4</sup> Essa perspectiva é comum em diferentes etnias africanas, destacamos aqui os povos iorubas, banto e congo (Nobles, 2012; Ribeiro, 1996).

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

BASTOS, Liana Albernaz de Melo. Exclusão social: aspectos traumáticos da violência contemporânea. *Revista Brasileira de Psicanálise*, p. 57-60, 2006.

BARBOSA, Anna Carolina Andrade. A angústia como incidência clínica do irrepresentável da pulsão: desamparo, trauma e repetição. *Reverso*, v. 30, n. 56, p. 41-59, 2008.

BULHÕES, Maria Amélia. Identidade, uma memória a ser enfrentada. *Porto arte: Revista de Artes Visuais*, v. 25, n. 44, 2020.

DAMASCENO, Marizete Gouveia. *Onde se esconde o racismo na psicologia clínica?: a experiência da população negra na invisibilidade do binômio racismo e saúde mental*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

DA SILVA, Maria Lucia; FARIAS Marcio; NETO, Augusto Stiel; OCARIZ, Maria Cristina. *Violência e sociedade: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro*. (org.). São Paulo: Escuta, 2018.

DAVID, Emiliano de Camargo *et al.* *Saúde mental e racismo: a atuação de um Centro de Atenção Psicossocial II Infantojuvenil*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) –Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

FARIAS, Camila. Exclusão social e invisibilidade: desdobramentos traumáticos do racismo. In: BELO, Fábio. *Psicanálise e racismo: interpretações a partir de Quarto de despejo*. Belo Horizonte: Relicário, 2018.

FANON, Frantz. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Ubu, 2020.

FANON, Frantz. *Pele Negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: Editora EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra* (1961). Tradução: José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FREUD, Sigmund. Carta 52 (1896). *Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas: História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Tradução: Paulo César de Souza. Schwarcz, 2010. (Selo Companhia das Letras).

FREUD, Sigmund. Lembrar, repetir e perlaborar. In: *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, v. 2., p. 151-164.

- FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz, 2010. (Selo Companhia das Letras).
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização: novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos* (1930-1936). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz, 2010. (Selo Companhia das Letras).
- GONÇALVES FILHO, José Moura. A dominação racista: o passado presente. *O racismo e o negro no Brasil: questões para a Psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.
- MALDONADO, Gabriela; CARDOSO, Marta Rezende. O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. *Psicologia Clínica*, v. 21, p. 45-57, 2009.
- MBEMBE, Achile. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2017.
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado* (1978). São Paulo: Perspectiva, 2016.
- NOBLES, Wade. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: NOBLES, Wade. *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. (org.). Elisa Larkin Nascimento. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 277-298.
- NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afro-perspectiva. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 3, n. 6, p. 147-150, 2012.
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Escravidão e nostalgia no Brasil: o banzo. *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 735-761, 2008. (Supl.) Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/XsH4RvsvCmxJzydsfgTgvKS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 ago. 2020.
- OLIVEIRA, Marianna T. de; WINOGRAD, Monah; FORTES, Isabel. A pulsão de morte contra a pulsão de morte: a negatividade necessária. *Psicologia Clínica*, v. 28, n. 2, p. 69-88, 2016.
- RAMOSE, Mogobe. A importância vital do “Nós”. *Revista Instituto Humanitas Unisinos*, ed. 353, 2010. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3688-mogobe-ramose>.
- RATTS, Alex. *Eu sou atlântica*. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Alma africana no Brasil: os iorubás*. São Paulo: Oduduwa, 1996.
- ROSA, Miriam Debieux. *Psicanálise, política e cultura: a clínica em face da dimensão sócio-política do sofrimento*. Tese (Livre-docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- RUDGE, Ana Maria. *Trauma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

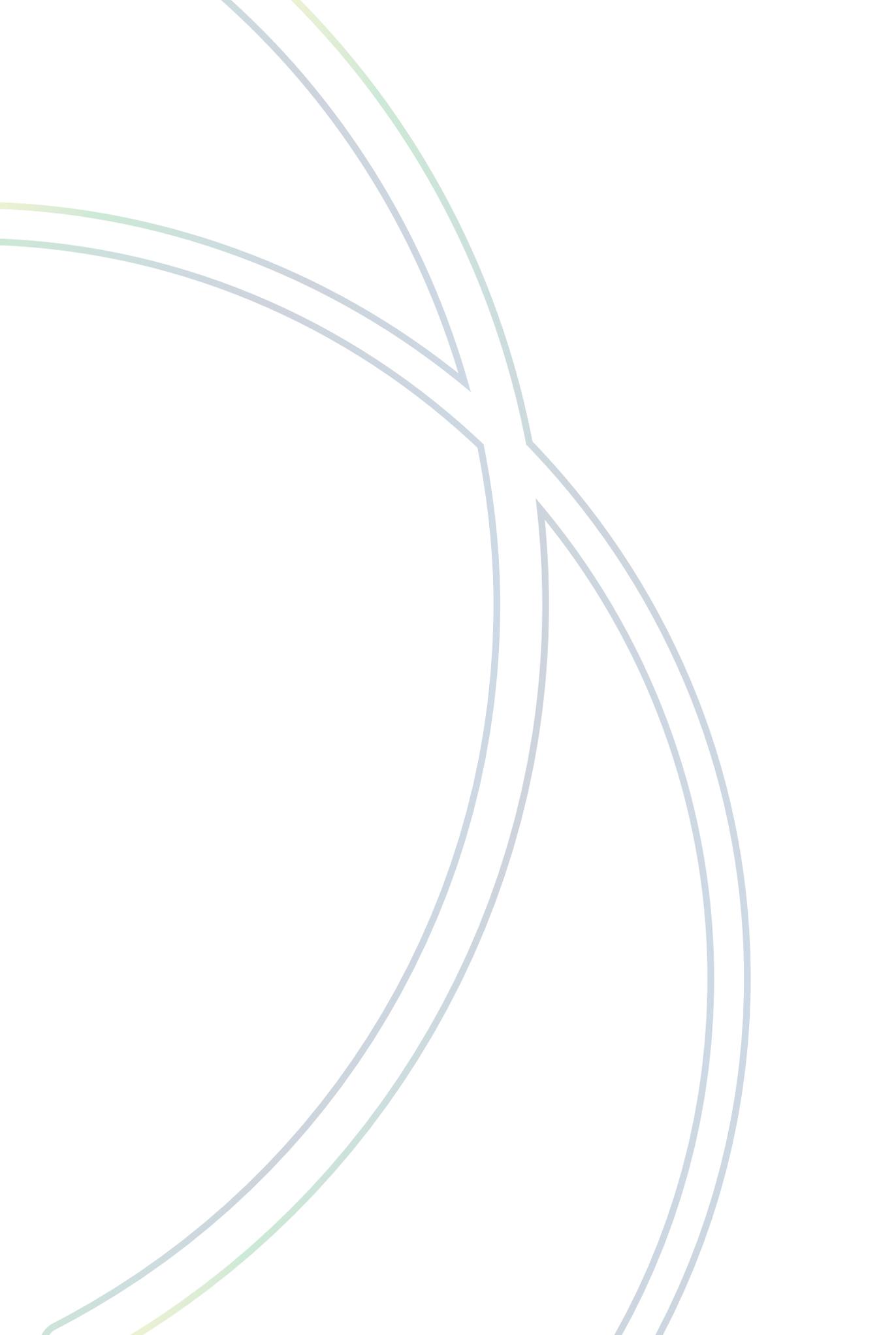
SANTOS, Kwame Yonatan Poli dos *et al.* *Por um fio: uma escuta das diásporas pulsionais*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. História como Trauma. *In: M. SELIGMANN-SILVA e A. Nestrovski (org.). Catástrofe e Representação*, São Paulo: Escuta, 2000, p. 73-98.

SIMÃO, A. R. F. Azevedo, Célia Maria Marinho de. Onda Negra Medo Branco. O negro no imaginário das elites do século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 15, n. 2, p. 405-406, 1989. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/30460>. Acesso em: 8 abr. 2023.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (1983). São Paulo: Schwarcz, 2021. (Selo Companhia das Letras).

VERÍSSIMO, Tânia Corghi. O racismo nosso de cada dia e a incidência da recusa no laço social. *Percurso*, p. 41-52, 2021.



# Sobre os autores e organizadores

**Alessandra Carvalho Vieira da Silva.** Psicóloga e Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [alessandravcs@gmail.com](mailto:alessandravcs@gmail.com)

**Alexandre Staerke Vieira de Rezende.** Psicólogo clínico familiar sistêmico. Mestrando pela Universidade de Brasília (UnB). Gestor em Políticas Públicas do DF. Especialista em Psicologia Clínica e em Gestão Governamental. Contato: [alexandre.staerke@gmail.com](mailto:alexandre.staerke@gmail.com)

**Aline Vidal Varela.** Psicóloga e Psicanalista. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: [alinevidalpsi@gmail.com](mailto:alinevidalpsi@gmail.com)

**Alvinan Magno Lopes Catão.** Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [alvinanmagno@gmail.com](mailto:alvinanmagno@gmail.com)

**Amanda Soares Dias.** Psicóloga da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: [diasam.asd@gmail.com](mailto:diasam.asd@gmail.com)

**Ana Giulia de Araújo Conte.** Psicanalista. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC) pela Universidade de Brasília. Especialista em Teoria Psicanalítica pela Faculdade Inspirar. Contato: [giulia\\_conte@hotmail.com](mailto:giulia_conte@hotmail.com)

**Ana Isabel Pereira.** Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: [anaisabelpsi@outlook.com](mailto:anaisabelpsi@outlook.com)

**Antônio Trevisan.** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Contato: netogarcia8@gmail.com

**Carla Sabrina Xavier Antloga.** Doutora pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica (PCL) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB), Coordenadora do Grupo de Estudos em Psicodinâmica do Trabalho Feminino (Psitrafem). Contato: antlogacarla@gmail.com

**Cintia da Silva Lobato Borges.** Psicóloga e Psicanalista. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: cintialobato@yahoo.com.br

**Claudia Rodrigues Pádua Salgado Beato.** Psicanalista. Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Bolsista da FAP-DF. Membro do Laço Analítico – Escola de Psicanálise, Varginha (MG). Contato: claudia.beato1@gmail.com

**Daniela Scheinkman** Psicanalista. Doutora em Filosofia e Mestre em Psicanálise pela Université de Paris 8. Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: *Psicanálise, Clínica e Política*. Pesquisadora do CNPq com o projeto: *Temporalidade e elaboração do sofrimento psíquico na pandemia da covid-19: corpo e trauma na psicanálise*. Contato: daniela.scheinkman@gmail.com

**Eduardo Ribeiro Vasconcelos.** Psicólogo da Diretoria de Serviços de Saúde do Superior Tribunal Militar. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardo\_vasconcelos82@hotmail.com

**Eduardo Portela.** Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: eduardopnb@gmail.com

**Eliana Rigotto Lazzarini Psicanalista.** Doutora e Mestre em Psicologia (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Membro do GT em Psicanálise e Clínica Ampliada da ANPEPP. Pós-doutora pela Université Sorbonne Paris 13 (França). Contato: elianalazzarini@gmail.com

**Elzilaine Domingues Mendes.** Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB) com Estágio Doutoral na Université Lumière Lyon II. Professora Associada do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Contato: elzilaine\_mendes@ufcat.edu.br

**Fabrcio Gonçalves Ferreira.** Psicólogo. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) (ANPSINEP-DF). Contato: fabricioferreira.psicologia@gmail.com

**Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral.** Psicóloga. Licenciatura em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB) e pós-graduanda em Psicanálise com Crianças e Adolescentes pelo Instituto de Ensino Superior em Psicologia e Educação (ESPE). Contato: ssvnta@gmail.com

**Guilherme Henderson.** Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Professor do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Membro da Associação Lacaniana de Brasília (ALB). Contato: guilhermefh@gmail.com

**Hugo Martins Gomes da Silveira.** Psicólogo pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador de Percepção de Qualidade em Prestação de Serviços. Pesquisador de Saúde Mental e Cultura. Contato: hugomgs11@gmail.com

**Igo Gabriel dos Santos Ribeiro.** Psicólogo. Mestre em Psicologia e Sociedade (UNESP). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Membro do Instituto AMMA Psique e Negritude e da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadores. Contato: igoribeiro@gmail.com

**Ingrid Fernandes dos Santos.** Psicóloga pela Universidade de Brasília (UnB). Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: ingridfernandes2628@gmail.com

**Ingrid Mello Pereira Soti.** Psicóloga. Educadora em Diabetes pela Associação Nacional de Atenção ao Diabetes (ANAD). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PPGpsiCC-UnB). Contato: ingridsoti.psi@gmail.com

**Isadora Fane Carvalho e Silva Lustosa.** Psicanalista. Bacharelado em Psicologia pela Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura (FHC/FUMEC). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: isafane.c@gmail.com

**Jean-Michel Vivés.** Psicanalista e Professor de Psicopatologia Clínica da Université Côte d'Azur (Nice, França). Membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Contato: jeanmichelvives@gmail.com

**Jéssica Nayara Cruz Pedrosa.** Psicanalista e Psicóloga. Mestre em Letras e Artes (UEA). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Contato: jessicancpedrosa@gmail.com

**Joyce Juliana Dias de Avelar.** Psicóloga. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: joyce.avelarpsi@gmail.com

**Juliano Moreira Lagoas.** Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor de Psicologia do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Contato: julianolagoas@hotmail.com

**Laene Pedro Gama.** Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Psicologia pela École doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres da Université Côte d'Azur (França). Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB (PPG-PSICC). Contato: laenegama@gmail.com

**Lara Gabriella Alves dos Santos.** Psicóloga. Doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Contato: laragabriellapsi@hotmail.com

**Katia Cristina Tarouquella Brasil.** Psicanalista. Doutora em psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Pesquisadora associada da Universidade de Rouen (França) e membro da Associação Internacional de Psicodinâmica do Trabalho. Contato: ktarouquella@gmail.com

**Márcia Cristina Maesso.** Psicanalista. Doutora e Mestre pelo Instituto de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano-EPFCL-Brasil e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília. Membro do GT da ANPEPP: Psicanálise, Clínica e Política. Contato: maessomc@gmail.com

**Marco Antônio Coutinho Jorge.** Psiquiatra e Psicanalista. Professor associado e Procientista do Departamento de Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diretor do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (seção Rio de Janeiro). Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris, França). Membro da Association Insistance (Paris). Contato: macjorge@corpofreudiano.com.br

**Melissa Souza Silva.** Psicóloga Clínica. Mestranda em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise (Núcleo Brasília). Pós-graduada em Psicopatologia, Psicanálise e Clínica Contemporânea e Fundamentos da Psicanálise: teoria e clínica. Pesquisadora da saúde mental de mulheres e pessoas pretas. Contato: melissasouza.psicologia@gmail.com

**Muriel Romeiro da Costa e Silva.** Psicóloga. Mestre em Psicologia (UFG). Doutoranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PPG-PsiCC) e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: murielrcosta.silva@gmail.com

**Nelson de Abreu Júnior.** (*in memoriam*). Foi psicanalista e psicólogo. Mestre em educação pela Universidade de Havana. Doutor em educação pela Universidade de Brasília (UnB) e professor titular na Universidade Estadual de Goiás (UEG), até a data de seu falecimento em 2021, decorrente da covid-19.

**Patrícia da Cunha Pacheco.** Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: ppacheco.psicanalise@gmail.com

**Renato Palma.** Psicólogo e Psicanalista. Doutor em Psicologia pela École Doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres na Université Côte d'Azur (França); doutor e mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela mesma universidade. Analista membro do Corpo Freudiano - escola de psicanálise (seção Rio de Janeiro). Atua como professor, supervisor clínico e psicanalista.

**Roberto Medina.** Doutor em Teatro e Literatura (Póslit-UnB) e Doutorando em Psicanálise (PPG-PsiCC-UnB). Tradutor, escritor, dramaturgo, crítico de teatro, de literatura e de cinema e diretor de teatro. Contato: prof.medina@gmail.com

**Samuel Ted Almeida de Pereira.** Psicólogo de um Serviço de Acolhimento Institucional em Residência Inclusiva de Unaí/MG, Psicanalista e Trabalhador do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Contato: samueltedpereira@gmail.com

**Valéria Brisolara.** Doutora em Letras (PPGLetras-UFRGS). Professora da Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS). Tradutora Pública e Intérprete Comercial do Estado do Rio Grande do Sul (JUCIS-RS) e membro da Associação de Tradutores Juramentados do Estado do Rio Grande do Sul (ASTRAJUR-RS) e da ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes). Contato: [valeriabrisolara@gmail.com](mailto:valeriabrisolara@gmail.com)

**Vanessa Correa Bacelo Scheunemann.** Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em pela Universidad Kennedy de Buenos Aires (Argentina). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Contato: [vcbscheunemann@gmail.com](mailto:vcbscheunemann@gmail.com)

**Valéria Machado Rilho.** Psicanalista. Psicóloga da Universidade de Brasília (UnB) Mestre e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Contato: [valrilho@gmail.com](mailto:valrilho@gmail.com)

**Vitor Luiz Neto.** Psicólogo Clínico. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB). Professor substituto no departamento de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Pesquisador em Psicanálise e Cultura e em Psicologia Social Crítica. Contato: [vitorluiz.neto@gmail.com](mailto:vitorluiz.neto@gmail.com)

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# INTERFACES EM PSICANÁLISE

## Subjetivações e Cultura

O livro surge do trabalho de pesquisa do Laboratório de Psicanálise e Subjetivação do PPG-PsiCC da Universidade de Brasília, que culmina no desejo de aprofundar na leitura psicanalítica contemporânea do sofrimento psíquico. O discurso analítico toma a linguagem como possibilidade de construção de novas narrativas e tem como compromisso ético-político transmitir e promover debates sobre o mal-estar na atualidade. O livro divide-se em cinco eixos-temáticos: “Psicanálise e parentalidade”: abordamos a elaboração psíquica e a construção de estratégias dadas pelas mulheres, uma a uma, frente à maternidade, além de costurar a concepção da parentalidade à clínica analítica; “Psicanálise e relações raciais”: propomos pesquisas sobre o sofrimento sociopolítico e suas consequências para a subjetividade dos sujeitos negros; “Psicanálise, arte, literatura e cultura”: trabalhamos a articulação entre psicanálise e arte, pensando a arte estruturada como uma linguagem do inconsciente, este, por sua vez, também estruturado como uma linguagem; “Psicanálise e trabalho feminino”: busca-se promover reflexões referentes à associação da subjetividade com as relações de gênero e trabalho, além de construir paradigmas que repensem as relações de trabalho e feminilidade; “Psicanálise extramuros/políticas públicas”: destaca-se a presença do psicanalista em espaços antes não pensados e que permitem a abertura de dispositivos clínicos adequados ao contexto social e às políticas públicas.

EDITORA



UnB



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia